

Dom Bosco: perspectiva histórica de sua prática social e pedagógica

ELCIO ARESTIDES DE MATTOS DA SILVA¹

FRANCISCO EVANGELISTA²

Resumo

No presente texto, procuramos apresentar o itinerário histórico da prática do fundador da congregação dos salesianos em torno da juventude operária de seu tempo. Longe de ser uma revolução marxista, a prática desenvolvida pelo padre italiano causava incômodo em parte dos católicos, mas também admiração em alguns setores da Igreja do século XIX, pois a práxis social criada e desenvolvida pelo jovem sacerdote era revolucionária no contexto social de sua época. “Estar no mundo para os outros” foi um dos principais lemas que permeou o sentido de vida e prática sacerdotal de João Bosco, fundador da Sociedade de São Francisco de Sales (Salesianos). No final da primeira metade do século XIX em Turim, na Itália, João Bosco transformou a realidade social dos jovens sem perspectiva, devolvendo-os o sentido de viver. João Bosco, como sacerdote, fundamentou-se em valores evangélicos, inspirando-se na imagem bíblica do “Bom Pastor” que dá a vida pelas suas ovelhas. O texto apresenta o contexto histórico em que a atividade sociocomunitária de João Bosco foi inserida, destacando o inegável legado que inspira profissionais da área da educação, em especial aos que se dedicam às escolas de periferia ou de regiões de classes sociais menos privilegiadas. A análise contribui para que educadores e os que atuam direta ou indiretamente em outras esferas da área social entendam a necessidade de reconhecer as necessidades dos sujeitos sociais com a finalidade de se reconfigurar e transformar sua realidade social.

Palavras-chave: Educação Salesiana. Dom Bosco. Prática social.

SILVA, E. A. M.; EVANGELISTA, F.

Dom Bosco: perspectiva histórica de sua prática social e pedagógica
Rev. Cienc. Educ., Americana, ano XXII, n. 47, p. 161-183, jul./dez. 2020

Don Bosco: historical perspective of his social and pedagogical practice

Abstract

In the present text, we try to present the historical itinerary of the practice of the founder of the Salesian congregation around the working youth of his time. Far from being a Marxist revolutionary, the practice developed by the Italian priest was uncomfortable for some Catholics, but it also caused admiration in some sectors of the Church of the nineteenth century, for the social praxis created and developed by the young priest was revolutionary in the social context of his time. “To be in the world for others” was one of the main slogans that permeated the sense of life and priestly practice of John Bosco, founder of the Society of St. Francis de Sales (Salesians). At the end of the first half of the 19th century, in Turin, Italy, John Bosco transformed the social reality of young people without perspective, giving them a sense of living. John Bosco, as a priest, was based on evangelical values, inspired by the biblical image of the “Good Shepherd” who gives his life for his sheep. The text presents the historical context in which he inserted the social and community activity of John Bosco, highlighting the undeniable legacy that inspires professionals in the area of education, especially those who are dedicated to peripheral schools or regions of less privileged social classes. The analysis contributes to educators and those who act directly or indirectly in other spheres of the social area understand the need to recognize the needs of social subjects in order to reconfigure and transform their social reality.

Keywords: Salesian Education. Don Bosco. Social practice.

Don Bosco: perspectiva histórica de su práctica social y pedagógica

Resumen

En este texto, buscamos presentar el itinerario histórico de la práctica del fundador de la congregación salesiana en torno a la juventud obrera de su tiempo. Lejos de ser un marxista revolucionario, la práctica desarrollada por el sacerdote italiano fue incómoda para algunos católicos, pero también causó admiración en algunos sectores de la Iglesia del siglo XIX, ya que la praxis social creada y desarrollada por el joven sacerdote fue revolucionaria en el ámbito social. contexto de su vida. era. “Estar en el mundo para los demás” fue uno de los principales lemas que impregnaron el sentido de vida y la práctica sacerdotal de João Bosco, fundador de la Sociedad de San Francisco de Sales (Salesianos). A finales de la primera mitad del

siglo XIX, en Turín, Italia, João Bosco transformó la realidad social de los jóvenes sin perspectiva, devolviéndoles el sentido de la vida. João Bosco, como sacerdote, se basó en los valores evangélicos, inspirado en la imagen bíblica del “Buen Pastor” que da la vida por sus ovejas. El texto presenta el contexto histórico en el que se insertó la actividad sociocomunitaria de João Bosco, destacando el legado innegable que inspira a los profesionales del campo de la educación, especialmente a los dedicados a las escuelas de la periferia o regiones de clases sociales menos privilegiadas. El análisis ayuda a los educadores y a quienes trabajan directa o indirectamente en otros ámbitos del área social a comprender la necesidad de reconocer las necesidades de los sujetos sociales para reconfigurar y transformar su realidad social. Palabras clave: Educación Salesiana. Don Bosco. Práctica social.

Introdução

João Melquior Bosco (Giovanni Melquiorre Bosco) nasceu em 16 de agosto de 1815 no entorno da grande região de Piemonte, que tem como capital Turim, norte da península itálica, “no sítio Biglione, região de Castellero, ao sul da colina da aldeia dos Becchi, e ao norte, mais além do que a aldeia Meinito costumava abranger” (LENTI, 2012, s/p), ano em que se encerrou o Congresso de Viena³. Uma vez que Napoleão Bonaparte havia sido derrotado, as principais potências europeias se reuniram em Viena, na Áustria, para reconfigurar a Europa, antes dominada pelas tropas napoleônicas.

Após a declaração final do Congresso de Viena, a Casa de Saboia manteve sua independência no reino subalpino. A Áustria, contudo, dominou a Itália, seja diretamente, no reino Lombardo-Vêneto, seja através de parentes próximos, nos ducados centrais, seja por acordos diplomáticos, como em Nápoles, com Fernando I, rei vassalo. Apesar do triunfo de Metternich e a restauração das dinastias dos Absburgo e Bourbon, anteriormente derrubadas pelo sistema napoleônico, o espírito revolucionário e as reformas de Napoleão estenderam-se pela Itália inteira. Grupos patrióticos revolucionários promoveram o chamado movimento do Risorgimento, que levaria à Revolução Liberal de 1848 e, finalmente, à unificação da Itália em 1861, com a conquista de Roma como capital do novo reino em 1870 (LENTI, 2012, p. 157).

Estamos diante de uma realidade histórica que pode ser comparada a um mosaico. A península itálica, no momento histórico em questão, por

não estar ainda unificada, tinha regiões dominadas por estrangeiros (Áustria e França) e regiões com características feudais, se utilizarmos como parâmetro a Revolução Industrial e o surgimento paulatino das cidades. Não há, e nem poderíamos supor nesse momento, a existência de um idioma comum, oficial, instituído, e muito menos nada que os identificasse enquanto Estado-nação (VICHESSI, 2018). Mas podemos apenas pressupor a existência de dialetos na península itálica. Essa identidade comum foi almejada e trabalhada logo após a unificação, mesmo sabendo que foi uma preocupação que antecedeu a unificação.

O pensamento iluminista, liberal, anticlerical e o episódio clássico sem precedentes na história que é a Revolução Francesa permearam todo o processo de unificação italiana. É nessa conjuntura conturbada e cheia de desafios que João Bosco estava inserido.

Na Itália, o predomínio do iluminismo e da maçonaria tornou a Revolução imensamente popular entre os cidadãos instruídos, mas o jacobinismo local era provavelmente poderoso apenas no reino de Nápoles, onde praticamente arrebatou toda a classe média esclarecida (i.e. anticlerical) e uma parte da pequena nobreza, e estava bem organizado nas lojas maçônicas e sociedades secretas que vicejam tão bem no clima do sul da Itália. Mas mesmo aí, ressentia-se do completo fracasso em estabelecer contato com as massas socialmente revolucionárias. Uma república napolitana foi facilmente proclamada quando chegaram as notícias do avanço francês, mas foi igualmente derrubada com facilidade por uma revolução social de direita, sob os estandartes do Papa e do Rei; porque os camponeses e os *lazzaroni*⁴ napolitanos definiam o jacobino, com certa justiça, como “um homem que tem carruagem” (HOBSBAWM, 2010, 139-140).

Neste contexto, uma das principais preocupações de João Bosco eram os possíveis contragolpes negativos sobre a realidade eclesial (BRAIDO, 2008). Como padre, não havia a mínima possibilidade de, em algum momento, posicionar-se favoravelmente ao pensamento liberal, uma vez que “as pessoas imbuídas do espírito do capitalismo tendem, hoje, a ser indiferentes, se não, hostis à Igreja” (WEBER, 2007, p. 62-63).

Há pouca dúvida de que na metade ou talvez nos últimos anos do século XIX a prática religiosa declinou em toda

parte, embora houvesse recuperações localizadas ou ocasionais no empenho por vocações religiosas.

[...] Contudo, “fora de qualquer dúvida possível”, os operários nas metrópoles participavam menos da prática religiosa formal do que os outros e a relativa indiferença, ou ateísmo, da classe operária é registrada por praticamente todas as pesquisas, em todas as datas. [...] Em suma, podemos concordar com os sacerdotes do século XIX, que não tinham nenhuma dúvida de que “a introdução de uma fábrica traz descristianização”, embora isso não fosse sempre verdadeiro em relação à mina, até que a consciência de classe levasse os mineiros a movimentos associados ao ateísmo. A migração, normalmente do campo para a cidade, e o contato com a cidade conduziram ao declínio na prática religiosa, em certos casos mesmo entre os camponeses.

[...] Estas verdadeiras ameaças à oposição da Igreja feitas por uma sociedade identificada com o “progresso, liberalismo e civilização moderna”, e a cada vez maior perda do poder do Estado levaram à Igreja à aliança com a direita política, o que automaticamente impeliu qualquer pessoa de esquerda a uma aliança com o anticlericalismo e, nos países católicos, à irreligiosidade. Mesmo as pessoas sem qualquer compromisso anterior tornaram-se hostis à fé porque ela era hostil a sua causa, ou porque sua causa era hostil a ela (HOBSBAWM, 2005, p. 59-71).

Eis o grande desafio de João Bosco: articular a manutenção da fé diante de um contexto anticlerical⁵ e estar aberto ao diálogo com aqueles que rejeitavam o catolicismo romano da época.

Desde que teve consciência de sua vocação, João Bosco não ignorou o mundo à sua volta, mas, a partir dos sonhos dos 9 anos, sua missão no mundo foi se decodificando paulatinamente, à medida que a maturidade lhe permitia tal discernimento. Ao lidar diretamente com o público jovem, ele viveu a sua vida empenhado em “salvar almas”, porém levando em consideração todas as dimensões humanas. “João Bosco não se negaria a tirar o chapéu ao Diabo, contanto que o deixe passar para salvar uma alma” (CERIA, 1932, s/p).

João Bosco encontrou o sentido da sua existência primeiramente em Deus, respondendo à vocação sacerdotal, e, em um outro momento, nos jovens sem rumo que viviam em Turim.

É complexo delimitar o nível de intensidade das dificuldades com as quais João Bosco se deparou ao longo de sua vida. Como alguém que era apaixonado pela arte circense, João Bosco passou a vida tentando se equilibrar na “corda bamba da vida”. Ele soube se virar na arte (quando criança, exercitava-se todos os dias até aprender a tirar coelhos da cartola e caminhar sobre a corda) e na vida (LANDIM, s/d). Convivendo com os jovens, em uma fase da vida que supõe crise e busca de identidade, soube lidar, com muita dificuldade, com as inúmeras crises pelas quais a península itálica passou ao longo do processo de unificação.

Parte da Europa⁶ teria vivido um período tão marcado pelo anticlericalismo do que o período em que viveu João Bosco?

O período em questão nos dá indícios significativos de que, desde o século XVIII, a burguesia liberal⁷ não hesitou em manifestar-se favoravelmente a uma delimitação de poder em relação às questões políticas, sociais e econômicas em detrimento da esfera religiosa. Senão em toda Europa, mas em muitas partes da Europa, a dicotomia entre poder temporal e poder espiritual estava sendo categoricamente construída.

Historicamente, na Europa, os desdobramentos da Revolução Francesa (1789) e da Revolução Industrial⁸ interferiram significativamente em todos os aspectos estruturais, pois

[...] a partir da metade do século XVIII, o processo de acumulação de velocidade para partida é tão nítido que historiadores mais velhos tenderam a datar a revolução industrial de 1760. Mas uma investigação cuidadosa levou a maioria dos estudiosos a localizar como decisiva a década de 1780 e não a de 1760, pois foi então que, até onde se pode distinguir, todos os índices estatísticos relevantes deram uma guinada repentina, brusca e quase vertical para a “partida”. A economia, por assim dizer, voava (HOBSBAWM, 2010, p. 59).

Outros acontecimentos históricos também deixaram suas ressonâncias: a Era Napoleônica (1799 a 1815); o lançamento do Manifesto do Partido Comunista (fevereiro de 1848), em que Karl Marx, com 30 anos, e Friedrich Engels, com 28 anos, divulgaram os princípios da revolução proletária; a Primavera dos Povos (1848)⁹; e as inúmeras lutas internas na península itálica visando à unificação.

Era nesse mosaico de tensões que João Bosco estava inserido. O seu contexto histórico não era dos mais estáveis, até mesmo porque, em se tratando de relações humanas, políticas, econômicas e de outras tantas modalidades de relações, a estabilidade não é uma constante, porque tudo está em um processo contínuo do devir.

Mesmo antes da unidade¹⁰ a luta entre o reino do Piemonte e o Vaticano foi duríssima. Pelas leis Sicardi (1850) era abolido o foro especial para os eclesiásticos e as sociedades eclesiásticas colocadas fortemente sobre controle. Aboliam-se as penalidades contra o trabalho nos dias santificados – o que além de golpear a Igreja, beneficiava o patronato. Em 1855, toda e qualquer congregação que não se dedicasse à pregação, à assistência aos enfermos e à instrução foi abolida e teve seus bens confiscados. Em 1865, pelo novo Código Civil, aboliram-se as congregações religiosas e os capelães militares. E os padres foram obrigados ao serviço militar. A reação vaticana não demora: em 1862, pela alocação *Maxima quidem laetitiae*, o papa declara não poder ser livre sem o poder temporal. Dois anos após, pela encíclica *Quanta Cura*, o papa condena os “erros” do liberalismo, exige o poder temporal, o privilégio de foro, o direito de vigiar as escolas estatais, de regulamentar o casamento. O máximo da tensão se dá no Concílio Vaticano (1869-1870) em que se proclama a infalibilidade para e quando da conquista de Roma declara seu auto cativo (DIAS, 2000, p. 33).

Cosmovisão

“05 de junho de 1841. Na capela do Arcebispado, João Bosco, revestido da alva, prostrou-se por terra diante do altar” (BOSCO, 2007, p. 128).

Foi nesse dia que João Melquior Bosco recebeu o sacramento da Ordem, um dos sete sacramentos da Igreja Católica Apostólica Romana, que de praxe é ministrado somente aos homens que almejam servir a Deus e à comunidade de fiéis, por meio do ministério sacerdotal.

Sua mãe, Margarida Occhiena (1788-1856), dissera-lhe, dias depois de João Bosco ser ordenado, que refletisse a partir daquele seu estado de vida clerical apenas sobre a salvação das almas e não se preocupasse com ela (BOSCO, 2007).

As propostas iniciais para o serviço do seu ministério implicavam sempre em ofertas de cunho financeiro, mas esse não era o foco motivador de sua escolha vocacional.

Sob a orientação do padre Cafasso¹¹, João Bosco residiu em Turim. Lá, ele deu continuidade à sua formação eclesiástica, não debruçado o tempo todo sobre livros de teologia, mas estando em contato direto com a realidade da cidade. Foi nessa escola da vida real, em Turim, que João Bosco se deparou com uma realidade que o deixou atordoado em inúmeras ocasiões.

Oriundo de uma realidade rural e considerando o contexto eclesiástico da Europa no século XIX, João Bosco trouxe em sua formação cultural (cosmovisão), em um primeiro momento, uma matriz ideológica agostiniana, que, dentro de uma perspectiva neoplatônica, tinha como um dos seus pressupostos filosóficos a preocupação com a “cidade de Deus” e a salvação da alma. Segundo Santo Agostinho¹² (354-430 d.C.), na “cidade dos homens”, tudo é fugaz, transitório e limitado. Por outro lado, na “cidade de Deus” (lugar esse almejado por todos os cristãos), tudo é eterno, perene e imutável. Vale salientar que essa matriz neoplatônica perpassou toda a Idade Média e ainda se faz substancialmente presente no universo cristão. O senso comum não faz uma elaboração sistemática e filosófica do pensamento de Platão e muito menos de Santo Agostinho, mas, por meio da pregação (sermões - homilia) dos sacerdotes católicos, a preocupação com o espiritual em detrimento ao temporal foi sendo internalizada pelos fiéis ao longo dos séculos.

Outro momento significativo na cosmovisão de João Bosco se deu durante os seus estudos teológicos (entre 1837 e 1841). Em uma perspectiva tomista e, ao contrário da visão platônica que despreza a dimensão corporal, o homem é visto em sua totalidade, considerado em suas dimensões corpo e alma. Esse aparato filosófico aristotélico e teológico de Santo Tomás de Aquino (1224/5-1274 d.C.) conferiu a João Bosco um suporte qualitativo no que diz respeito à dimensão da fé, da razão, do corpo e da alma. Neste contexto, “cuidar das almas” (salvar almas) tornou-se um processo indissociável da dimensão física, corporal. Não se devia cuidar da alma e não cuidar do corpo, ou vice-versa. A partir desses parâmetros, fez-se necessária uma formação de cunho espiritual, moral, ético e uma formação de cunho físico, braçal; formar o homem na sua totalidade.

Partindo da realidade tal como ela se apresentava (realismo) – e no caso de João Bosco, em Turim, o contexto urbano e industrial ainda era

incipiente –, ele teve o grande desafio de elaborar, em um curto espaço de tempo, uma síntese entre o pensamento agostiniano, o tomista, a realidade cidadina e a incipiente industrialização em Turim, que se tornou a mola mestra da economia a partir de meados do século XIX.

Foi nesse contexto que sua visão de mundo foi plasmada. E, ainda no início da sua vida sacerdotal, João Bosco se deparou com a realidade totalmente degradante e desumana a que estavam submetidos centenas de jovens em Turim. Ele

encontrou grande número de jovens de todas as idades – assim continua o testemunho do padre Rua¹³ – que andava vagueando pelas ruas e pelas praças, especialmente nos arredores da cidade, jogando, brigando, blasfemando e coisas piores (BOSCO, 2007, p. 132).

A Revolução Industrial provocou em muitos lugares da Europa – e na Itália ainda não unificada não seria diferente – um processo migratório avassalador do campo para a cidade. As consequências sociais desse processo não tardariam a chegar, pois

as cidades e as áreas industriais cresciam rapidamente, sem planejamento ou supervisão, e os serviços mais elementares da vida da cidade fracassavam na tentativa de manter o mesmo passo: a limpeza das ruas, o fornecimento de água, os serviços sanitários, para não mencionarmos as condições habitacionais da classe trabalhadora. A consequência mais patente desta deterioração urbana foi o reaparecimento das grandes epidemias de doenças contagiosas (principalmente transmitidas pela água), notadamente a cólera, que reconquistou a Europa a partir de 1831 e varreu o continente de Marselha a São Petersburgo em 1832 e novamente mais tarde (HOBSBAWM, 2010, p. 323-324).

Mesmo sabendo que, em Turim, a Revolução Industrial estava chegando apenas indiretamente no ano de 1841, em curto prazo a cidade sofreu as consequências de qualquer espaço urbano que começava a passar por um processo de urbanização, industrialização e inchaço demográfico. Na década de 1838-1848, a população passou de 117 mil para 137 mil habitantes (BOSCO, 2007).

Nesse contexto,

João Bosco vê meninos de 8 a 12 anos, longe da própria terra, como serventes de pedreiro, passando o dia subindo e descendo andaimes inseguros, ao sol, ao vento, galgando íngremes escadas de madeira carregados de cal, tijolos, sem outro auxílio educativo que as grosseiras repreensões. Ou pancadas (BOSCO, 2007, p. 138).

Diante de tais circunstâncias, João Bosco não pensou em outra coisa senão na possibilidade de fazer algo concreto que pudesse reverter a situação desses jovens, e “já” (BOSCO, 2007, p.148)¹⁴. Segundo as narrativas clássicas de sua biografia, podemos deduzir que, em alguns momentos de seu intento, o sonho que ele teve aos 9 anos deve-lhe ter vindo à tona algumas vezes e incomodado sua consciência. Como sacerdote, convicto das necessidades dos jovens desnordeados de Turim, tais momentos devem ter sido cruciais para as futuras decisões que viria a tomar. A perspectiva com a qual João Bosco passara a enxergar a realidade fez dele um sacerdote comprometido com os jovens.

Perspectiva social

Como era a cidade de Turim, onde João Bosco iniciou seu ministério sacerdotal em 1841?

De fato, a grande cidade não apresentava somente um aspecto organizado e civil. Dentro dela os pobres, muitas vezes sem moradia, eram numerosos. “Das estatísticas que as congregações de caridade registraram, fica evidente que Turim, com 125 mil habitantes, tem 30 mil pobres”, escrevia-se em 1845. Os mendigos pululavam e importunavam os transeuntes. “Somos rodeados, somos diariamente assediados pelos mendigos; e tal é o número que, mesmo supondo que todos fossem realmente pobres e não viciados, não seria possível ter meios nem tempo de parar um pouco, e de socorrê-los todos. E, por isso, somos obrigados a prosseguir nosso caminho sem nos importar nem com suas lágrimas nem com as súplicas mais comoventes, que também, teoricamente, nunca deveriam ferir em vão o ouvido de um homem comum, e especialmente de um cristão.” Os mendigos atulhavam as ruas e as calçadas pela cidade. Nos interiores, eram encontrados sob os pórticos, às portas das

igrejas e nos cafés mais luxuosos, onde, como lamentava um cidadão, não paravam de importunar os transeuntes com descarada obstinação (DESRAMAUT, 2010, p. 15).

Foi diante dessa realidade social e permanecendo no Colégio Eclesiástico, logo após a sua ordenação sacerdotal em 1841, que João Bosco passou por outro processo de formação, que transcendia os livros e os muros do Colégio Eclesiástico: a descoberta dos jovens “pobres e abandonados” de Turim (LENTI, 2012, p. 379). É muito provável que, se João Bosco tivesse optado pelo ostracismo acadêmico, sem o contato direto com o cotidiano de Turim e, conseqüentemente, o contato com os jovens, sua vida teria trilhado outros caminhos.

Somos convidados, diante da experiência de João Bosco, a repensar e refletir, seriamente, uma das frases antológicas de João Bosco: o senhor nos colocou no mundo para os outros.

Em Turim, João Bosco não precisou ir muito longe para descobrir quem era esse “outro”, pois

[...] a condição dos trabalhadores e da gente sem trabalho na cidade não era melhor do que no campo e, às vezes, até pior. Umberto Levrá¹⁵ assim resume a situação, baseando-se em abundantes referências a textos e fontes oficiais contemporâneas: 1) nutrição inadequada e fome, com crescimento irregular e deformações; 2) enorme aumento no número de indigentes, gente sem-teto e mendigos; 3) crescimento do número dos cronicamente enfraquecidos, doentes e carentes de cuidados; 4) grande risco de doenças e mortalidade infantil elevada; 5) baixa expectativa de vida (35 anos em Turim, pouco mais elevada do que a média de todo Reino); 6) falta de higiene e más condições sanitárias, especialmente nos subúrbios dos distritos do norte; 7) epidemias frequentes, sobretudo de tifo, cólera e varíola; 8) elevada incidência de doenças como tuberculose, bronquites e pneumonia, disenteria, infecções e variadas febres sem nome; 9) aumento da prostituição e das doenças venéreas; 10) analfabetismo; 11) abandono das práticas religiosas; 12) embriaguez e outros vícios domésticos; 13) crescimento de atividades delituosas, sobretudo furtos; 14) aumento de suicídios; 15) aumento de nascimentos ilegítimos; 16) crianças expostas [abandonadas] e infanticídio (LENTI, 2012, p. 381).

Assim,

De modo geral o Oratório compunha-se de canteiros, pedreiros, estucadores, calceteiros, rebocadores e de outros que vinham de povoados distantes. Como não conheciam as igrejas e nem ninguém, expunham-se ao perigo de perverterem-se, especialmente nos domingos (BOSCO, 2005, p. 127).

Os registros dos historiadores ou mesmo os registros feitos pelo próprio João Bosco nos dão uma mínima noção da situação de milhares de jovens que, na esperança de dias melhores, de mais dignidade, aglomeraram-se na cidade de Turim, em diversas localidades, originando inúmeros problemas sociais resultantes da total ausência de políticas públicas que pudessem garantir o sustento dessa população de emigrantes e imigrantes.

A exploração da mão de obra era tão descabida que

num discurso feito no Parlamento, em 1850, o conde Camillo Cavour, mais tarde primeiro-ministro, deplorava a falta de preocupação com essa situação: “talvez, por conveniência, tivéssemos tentado ignorar o fato de que em nossas fábricas o horário de trabalho das mulheres e crianças é o dobro daquele na Inglaterra” (LENTI, 2012, p. 386).

Pobreza extrema, salários insuficientes para contemplar as necessidades básicas, tudo era caro... alimentos, vestimentas, aluguel. Não havia como conciliar a remuneração com as necessidades básicas. Muitos buscavam “refúgio” nas tabernas. Muita bebida, jogo, um ambiente em que a obscenidade e a violência eram coisas comuns. “A maioria dos jovens, sem trabalho ou com emprego apenas ocasional, vivia nessa situação de pobreza e de perigo material, moral e religioso” (LENTI, 2012, p. 388).

Como continuar a vida sacerdotal alheio a toda uma situação social caótica e extremamente desumana?

Algo de concreto precisaria ser feito, pois as inúmeras instituições governamentais e filantrópicas existentes não davam conta da demanda ou não estavam efetivamente preocupadas em reverter tal situação. Nesse cenário social desolador, João Bosco, que, inúmeras vezes, entrou em crise andando pelas ruas de Turim e, literalmente, pondo em prática seus intentos, tomou decisões que mudaram não só a sua vida, mas principalmente a vida de milhares de jovens em Turim e localidades adjacentes. Com o tempo, a atitude

de João Bosco teve o mesmo efeito de uma pedra jogada no centro de um lago, tomando proporções jamais pensadas por ele mesmo. Sendo um homem marcado pela mística do Piemonte, afirmou: não há por que não dar certo.

Mesmo não tendo fundado o primeiro Oratório da cidade de Turim – o primeiro foi o Oratório do Anjo da Guarda, fundado em 1840 pelo padre João Cocchi, no bairro do Moschino, e depois transferido para o bairro de Vanchiglia (LENTI, 2012, p. 381) –,

após as primeiras experiências catequéticas e oratorianas, João Bosco tornou-se, na vida e na história, não só padre em atividade pastoral, pregador e confessor, mas, ao mesmo tempo, educador e agente social em favor da juventude e do povo (BRAIDO, 2008, p. 197).

Seu oratório destinava-se especificamente para os marginalizados, e nisso estava sua novidade.

Em 1845, na estrada para a Stupinigi, fora aberta uma nova prisão em Turim: a Generala. Era um reformatório de rapazes, com capacidade para 300. Dom Bosco frequentava-a regularmente. Procurava fazer-se amigo daqueles pobres rapazes, condenados (quase sempre) por roubo ou vadiagem (BOSCO, 2007, p. 319).

Atuação em Turim

Dom Bosco e seus primeiros Salesianos ficarão magnetizados pelo “já”, pela pronta intervenção. Darão aos jovens pobres catecismo, pão, instrução profissional, emprego protegido por um bom contrato de trabalho (BOSCO, 2007, p. 149).

Um episódio chama a atenção na biografia de João Bosco. Antes da missa celebrada por ele no dia 8 de dezembro de 1841, Festa da Imaculada Conceição, um jovem foi banido da sacristia por um sacristão. Esse episódio deixou João Bosco incomodado. A expulsão gerou reflexões sobre o afastamento dos jovens em relação à religião. Associado a isso, ele começou a percorrer, com certa frequência, as ruas de Turim e fazer visitas às cadeias lotadas de jovens. Diante de tais circunstâncias, João Bosco transformou tudo isso em reposta imediata (o “já”). Aos poucos, mais jovens foram se aproximando dele.

O primeiro passo, alicerce de toda práxis – ação salesiana –, tinha sido dado. O gesto de acolhida aos jovens em Turim, por parte de João Bosco, teve grande importância, principalmente durante o período em que esteve atendendo a confissões na prisão entre os anos de 1841 a 1860¹⁶.

Durante o inverno preocupei-me em consolidar o pequeno Oratório. Embora minha finalidade fosse recolher somente os meninos em maior perigo, de preferência os que deixavam a cadeia¹⁷, todavia para ter uma base sobre a qual fundar a disciplina e a moralidade convidei alguns outros de boa conduta e já instruídos. Eles me ajudavam a manter a ordem e também a entoar cantos sacros; percebi assim desde o princípio, que sem distribuição de livros de canto e de leitura amena, as reuniões nos dias de guarda seriam como um corpo sem alma. Na festa da Purificação (2 de fevereiro de 1842), que então era festa de preceito, já tinha uns vinte meninos, com os quais pudemos pela primeira vez cantar “Louvemos Maria”. Na festa da Anunciação já éramos 30 (BOSCO, 2005, p. 126).

À medida que o tempo foi passando, ficou cada vez mais claro na mente e no coração de João Bosco que ele viveria cada minuto do seu tempo para a juventude: “minha propensão é para cuidar da juventude” (BOSCO, 2005, p. 126). Em função disso, João Bosco estava determinado a enfrentar quaisquer obstáculos... e não foram poucos.

Os primeiros anos de experiência de Oratório¹⁸ não foram fáceis. De tempo em tempo, por causa de inúmeras circunstâncias, João Bosco e os primeiros meninos que o acompanhavam tiveram que mudar várias vezes de lugar, por incomodar os vizinhos ou por verem neles uma ameaça à tranquilidade e segurança. Quando pensavam que a “tempestade” havia acalmado, eram surpreendidos com a notícia de que deveriam deixar o local onde estavam instalados, mais uma vez.

As primeiras sementes do Oratório surgiram no final de 1841, no Colégio Eclesiástico São Francisco de Assis. E, aos poucos, o Oratório foi se consolidando.

O Oratório funcionava assim: em todos os domingos e dias santos dava-se comodidade para se aproximarem dos santos sacramentos da Confissão e da Comunhão; marcava-se ainda um sábado e um domingo por mês para cumprir esse dever religioso. À tarde, em hora determinada, entoava-se

um cântico, dava-se catecismo, em seguida explicava-se um exemplo e por vezes distribuía-se alguma coisa a todos, outras por sorteio (BOSCO, 2005, p. 127).

Três anos depois, o Oratório mudou para Valdocco, no Refúgio (Obra Pia do Refúgio), graças à generosidade da marquesa Barolo¹⁹, que dedicou toda sua vida às inúmeras obras em favor dos pobres e desassistidos na região de Turim. Assim, foi possível João Bosco e seus jovens ocuparem um espaço no Refúgio.

O Oratório reuniu-se ali pela primeira vez no terceiro domingo, 20 de outubro de 1844, e continuou no mesmo lugar durante seis semanas, até o Primeiro Domingo do Advento, 1º de dezembro de 1844. Como empregado da marquesa Barolo, Dom Bosco deveria servir como capelão do Pequeno Hospital, ainda em construção [...] (LENTI, 2012, p. 435).

A cada dia, o número de jovens assistidos por João Bosco aumentava, e o espaço tornava-se insuficiente para acomodar a todos. Diante dessa situação,

a marquesa autorizou o uso de dois ambientes reservados para a recreação dos padres no quarto andar do Pequeno Hospital de Santa Filomena, do qual Dom Bosco era capelão. [...] Os dois ambientes converteram-se em capela (a “primeira igreja do Oratório”) em 8 de dezembro de 1844; e continuaram a ser usados até 18 de maio de 1845. Desde o início o Oratório teve São Francisco de Sales como patrono (LENTI, 2012, p. 436-437).

O próximo espaço a ser ocupado por João Bosco – pois todos tiveram que deixar o espaço do Hospital Santa Filomena em função da conclusão das obras – foi um cemitério desativado na cidade, o cemitério de Santa Cruz (cenotáfio do Santíssimo Crucifixo), que estava sob a jurisdição da prefeitura e que não poderia ser ocupado sem a autorização legal dela. Entre os dias 18 e 25 de maio, João Bosco obteve a autorização para usar o local. O Oratório reunia-se em São Pedro in Vincoli, capela do cemitério desativado, em 25 de maio de 1845 (LENTI, 2012), mas logo depois foi proibido de usar o local, e “de 1º junho a 6 de julho de 1845, durante seis domingos, o Oratório – que tinha como lugar de encontro o Refúgio, onde João Bosco vivia – reunia-se ao ar livre ou em várias igrejas” (LENTI, 2012, p. 439).

João Bosco reiterou o pedido à prefeitura e, mais uma vez, foi-lhe negado o uso do espaço em carta de 3 de julho de 1845.

Entre 3 e 9 de julho, o teólogo Borel²⁰, em nome de Dom Bosco e do padre Pacchiotti, solicitou permissão para usar a capela de São Martinho, anexa aos moinhos no bairro Borgo Dora, situada entre o rio Dora e a grande praça de Porta Palácio, pouco distante a leste das instituições da marquesa Barolo (LENTI, 2012, p. 439).

A prefeitura, desta vez, autorizou, porém com restrições de uso. O Oratório reuniu-se pela primeira vez em 13 de julho de 1845 em São Martinho e utilizou o local até o dia 21 de dezembro. Percebe-se que, com a determinação de João Bosco e com a ajuda do teólogo Borel, o projeto do Oratório não tinha por que não dar certo. Mas, se João Bosco dependesse somente dos trâmites burocráticos, teria desistido há tempos.

Um padre aposentado – João Batista Moretta (1777-1847) –, que possuía uma grande casa no bairro de Valdocco, alugou três cômodos da casa para o Oratório. Em razão de reclamações de outros inquilinos da casa, a permanência na casa Moretta durou de dezembro de 1845 a abril de 1846 (BRAIDO, 2008).

[...] Em 1º de abril de 1846, o teólogo Borel assinava o arrendamento do telheiro²¹. O contrato durava três anos. O Oratório reuniu-se ali pela primeira vez no domingo de Páscoa, 12 de abril de 1846. Um telheiro, a casa adjacente e um pequeno terreno foram o lugar definitivo do Oratório de São Francisco de Sales (LENTI, 2012, p. 440).

João Bosco não conseguiu chegar a um acordo amistoso com a marquesa de Barolo, mas, apesar da ruptura, ela nunca deixou de ajudá-lo de forma indireta.

O marquês de Cavour (Miguel Benso – pai de Camilo e Gustavo), vigário da cidade, inúmeras vezes chamou os jovens assistidos por João Bosco de canalhas e desordeiros e ainda dizia que eles podiam ser considerados como forte ameaça à segurança pública. João Bosco vivia momentos de total insegurança em relação à continuidade do Oratório. A situação chegou a tal ponto, que pensaram, inclusive, em internar João Bosco em um manicômio por ser considerado louco ou ao menos com as faculdades mentais rebeldes (BRAIDO, 2008).

Durante alguns meses, João Bosco esteve doente, talvez com uma broncopneumonia. No dia 3 de novembro de 1846, depois de restabelecido de sua convalescência nos Becchi, instalava-se nas novas acomodações do Oratório com sua mãe, Margarida Occhiena.

Durante o período de recuperação da saúde de João Bosco, o teólogo Borel dirigiu o Oratório com a ajuda dos padres Vola, Cárpano, Trivero e Pacchiotti.

As cartas enviadas ao teólogo Borel entre 11 de outubro de 1845 e 30 de setembro de 1850 indicam em Dom Bosco o protagonista, coadjuvado por vários sacerdotes: além de Borel e do padre Sebastiano Pacchiotti (1786-1884) colegas no Refúgio, padre Antonio Bosio (1820-1895), “indivíduo de ótima índole e humor”, e, ativamente presentes fora do núcleo originário, o padre Sebastiano Trivero, os teólogos Giovanni Battista Vola (1806-1872), Giacinto Gioachino Carpano (1821-1894), Roberto Murialdo (1818-1882), primo de São Leonardo, padre Pietro Ponte, capelão do Instituto Santana da marquesa Barolo. [...] No ano seguinte (1850), numa carta aos administradores da Mendicância Instruída, o grupo dos que trabalhavam nos vários oratórios era enriquecido pela explícita presença dos leigos – “até agora tudo progride com a ajuda de algumas pessoas caridosas, eclesiásticas e seculares” –, embora Dom Bosco indique apenas nomes de sacerdotes [...] (BRAIDO, 2008, p. 198-199).

Não faltaram, além dos colaboradores, alguns mantenedores apresentados a João Bosco pelo teólogo Borel, que financeiramente sempre ajudaram nas despesas dos Oratórios e nas demais iniciativas sociais de João Bosco.

Conclusão

O objetivo deste artigo foi demonstrar, principalmente, a prática social e, indiretamente, a prática pedagógica de João Bosco quando assumiu para si a tarefa da educação (não formal) da juventude que teve contato, ao construir uma intervenção diante da situação social degradante na qual estavam inseridos muitos jovens em Turim. Assumiu-os integralmente, dando-lhes formação religiosa, moral e ética – e por que não falarmos em formação integral.

Para João Bosco, a educação, baseada no Sistema Preventivo, também de caráter humanista, visava à formação do ser humano como um todo, tirando-o das amarras da ignorância, dando-o uma profissão, resgatando sua dignidade, sua dimensão religiosa, e inserindo na sociedade um cidadão com princípios e valores. Abriu portas, oferecendo oportunidade para que esses jovens, sem norte, pudessem ter algo em que pudessem acreditar e fundamentar suas vidas. Do espaço ócio das ruas, João Bosco criou espaços de ofício.

A dimensão social voltada para um aspecto de caráter trabalhista (com vínculo empregatício), ainda muito pouco explorada na historiografia salesiana, dá-nos a ideia de um João Bosco efetivamente comprometido com a forma com que os jovens que ele assumiu como seus seriam tratados na relação patrão e aprendiz. João Bosco quis garantir – criando contratos de trabalho²² – sem perder nada de vista, tudo aquilo que pudesse resguardar a integridade daquele que se dispunha a oferecer sua força de trabalho para sobreviver e ter um mínimo de dignidade.

O jovem padre italiano vislumbrava para os jovens que frequentavam suas oficinas (no Oratório) algo inédito dentro do contexto da Igreja Católica de seu tempo, pois, ao ser lapidado em todas as dimensões possíveis, o jovem é convidado a ser um agente transformador na sociedade. Se o mundo em que vivemos é o mundo que criamos, o jovem precisa tomar consciência do seu papel na sociedade. A grande utopia que se descortina diante do jovem é a possibilidade efetiva do resgate da dignidade humana daqueles que estão excluídos, discriminados, despossuídos de direitos.

João Bosco partiu da premissa de que a construção de uma sociedade mais justa e equânime começava naquele mesmo momento. É no hoje e no agora que se constrói a sociedade do amanhã. O educando não deve ser um agente passivo dentro do processo educativo. O seu protagonismo é fundamental e essencial para o desenvolvimento de um espírito crítico, autônomo na construção do conhecimento (não uma mera reprodução do conhecimento) e participativo.

O alcance da proposta educativa/social de João Bosco criada no século XIX aparece no século XXI ainda atual, mostrando, assim, seu caráter propositivo, indo além daquilo que se espera que aconteça dentro dos muros da escola, sendo um manancial rico para experiências também fora dela.

Como cidadão, padre e educador, João Bosco deixou um legado não apenas para a juventude operária de seu tempo, mas sim para que todo jo-

vem possa construir um projeto de vida, em que a formação para o trabalho é vista como uma das dimensões da formação integral da pessoa humana.

Voltar às origens da essência do carisma salesiano em Turim é uma forma de ressignificar, no contexto em que estamos inseridos, as práticas de Dom Bosco, não como imitadores ou meros reprodutores das práticas de outrora, mas como colaboradores que buscam viver o carisma salesiano, dando respostas aos desafios do mundo contemporâneo.

Recebido em: 02/02/2020

Revisado em: 06/06/2020

Aprovado em: 10/08/2020

Notas

1 Mestre em Educação pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL). Graduado (Licenciatura Plena) em História pelo Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos. Graduado (Bacharelado) em Teologia pelo Centro Universitário Assunção. Tem experiência na área de filosofia, teologia e história, com ênfase em história. E-mail: anneelcio@hotmail.com.

2 Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) (2011). Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) (2002). Especialista em Filosofia para crianças e jovens pela PUC-SP (1997). Graduado em Filosofia pela PUC-Campinas (1990). Atualmente, é professor do Programa de Mestrado em Educação Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL), *campus* de Americana. Coordenador do HIPE – História da Práxis Educativa Social e Comunitária – do UNISAL e do Projeto de Pesquisa Narrativas de Formação em Educação: Possibilidades para a Pesquisa e Investigação em Educação Sociocomunitária. Membro do GPTeFE – Grupo de Pesquisa Teorias e Fundamentos da Educação – da UFSCar. Editor da Revista Ciências da Educação (2018/2020). Coordenador do Núcleo Étnico Racial e Cultural do UNISAL. Pesquisador da Cátedra UNESCO: Juventude, Educação e Sociedade/Universidade Católica de Brasília. E-mail: professorfranciscoevangelista@uol.com.br.

3 O Congresso de Viena teve início em 1º de outubro 1814 e fechou com a assinatura da sua ata final em 9 de junho de 1815 (CORREIA, 1994).

4 Alcinha dada na Itália ao lumpemproletariado, aos elementos desclassificados; os “lazzaronis” eram frequentemente utilizados pelos círculos monárquico-reacionários na luta contra o movimento democrático e liberal.

5 Cronologicamente, podemos delimitar o momento em que o anticlericalismo se acentuou na península itálica após a renúncia do Rei Carlos Alberto, em 1849.

6 “Parte da Europa”, para não cairmos no reducionismo, generalização, homogeneização etc.

7 “Liberalismo pode ser resumido como o postulado do livre uso, por cada indivíduo ou membro de uma sociedade, de sua propriedade. O fato de uns terem apenas uma propriedade: sua força de trabalho, enquanto outros detêm os meios de produção não é desmen-

tido, apenas omitido no ideário liberal. Nesse sentido, todos os homens são iguais, fato consagrado no princípio fundamental da constituição burguesa: todos são iguais perante a lei, base concreta da igualdade formal entre os membros de uma sociedade. Em uma extensão dessa, uma segunda idéia propõe o bem comum (o Commonwealth), segundo a qual a organização social baseada na propriedade e na liberdade serve o bem de todos. Um corolário dessa proposição é que não havendo antagonismo entre classes sociais, a ação pode ser orientada simplesmente pela razão – donde racionalismo. Essa é a cerne da proposição ideológica, que visa a dominação consentida dos trabalhadores, através da operação de identificar o interesse da classe dominante (a manutenção da ordem social vigente) com o interesse da sociedade como um todo – a nação” (FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO, s/d, s/p).

8 “Sob qualquer aspecto, este foi provavelmente o mais importante acontecimento na história do mundo, pelo menos desde a invenção da agricultura e das cidades. E foi iniciado pela Grã-Bretanha” (HOBSBAWM, 2010, p. 45).

9 “Tem havido um bom número de grandes revoluções na história do mundo moderno, e certamente a maioria bem-sucedidas. Mas nunca houve uma que tivesse se espalhado tão rápida e amplamente, se alastrando como fogo na palha por sobre fronteiras, países e mesmo oceanos. Na França, o centro natural e detonador das revoluções europeias, a república foi proclamada em 24 de fevereiro. Por volta de 2 de março, a revolução havia ganhado o sudoeste alemão; em 6 de março a Bavária, 11 de março Berlim, 13 de março Viena, e quase imediatamente a Hungria; em 18 de março Milão e, em seguida, a Itália (onde uma revolta independente havia tomado a Sicília). Nesta época, o mais rápido serviço de informação acessível a qualquer pessoa (os serviços do banco Rothschild) não podia trazer notícias de Paris a Viena em menos de cinco dias. Em poucas semanas nenhum governo ficou de pé numa área da Europa que hoje é ocupada completa ou parcialmente por dez estados, sem contar as repercussões em um bom número de outros. Além disso, 1848 foi a primeira revolução potencialmente global, cuja influência direta pode ser detectada na insurreição de 1848 em Pernambuco (Brasil) e poucos anos depois na remota Colômbia” (HOBSBAWM, 1977, p. 26).

10 Unificação italiana em 1861.

11 Padre Cafasso, que foi o seu diretor espiritual no período de 1841 a 1860, contribuiu de maneira singular para formar e encaminhar a personalidade e a espiritualidade de Dom Bosco (SALESIANOS DOM BOSCO, s/d).

12 Aurélio Agostinho (do latim, Aurelius Augustinus), Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, foi bispo da Igreja Católica, teólogo e filósofo, que nasceu em 354 em Tagaste, na Argélia, e morreu 430 em Hipona, na Argélia. É considerado santo e doutor da doutrina da Igreja.

13 Padre Rua foi o primeiro sucessor de João Bosco, após sua morte em 31 de janeiro de 1888.

14 Nesse momento (1841), em Turim, esse “já” era uma palavra de ordem para todo um grupo de padres turinenses.

15 Professor de História do Renascimento na Faculdade de Letras da Universidade de Turim e Presidente do Museo Nazionale Del Risorgimento Italiano.

16 Colaboração do padre Antônio da Silva Ferreira, em uma entrevista concedida no dia 17 de julho de 2013, em Santana, São Paulo, no Bairro de Santa Teresinha.

17 Assim que foi ordenado padre (1841), João Bosco acompanhou padre Cafasso em visitas às prisões. Foram nessas prisões que João Bosco ficou espantado com o número de jovens presos e começou a se questionar sobre o que seria desses jovens depois que deixassem a prisão. O que os esperaria do lado de fora? A partir dessa experiência com o padre Cafasso, João Bosco passou a ir às prisões todos os sábados para criar vínculos de amizade e fazer com que os que deixavam a prisão fossem acolhidos no Oratório, caso desejassem.

18 O Oratório não foi inventado pelo padre da Igreja Católica, chamado João Bosco (1815-1888), pois já havia indícios nos séculos XV e XVI na Itália dessa experiência pedagógica. A influência laical veio da figura de Vitorino da Feltré no período da Renascença, e a influência religiosa, de Felipe Neri, um padre da Igreja Católica, que fortaleceu a forma de educar de João Bosco e de como este pensou o seu Oratório aos arredores do bairro de Valdocco da cidade de Turim (Itália), de acordo com a citação de Borges (2006, p. 4190): “Embora a Tradição Salesiana dê um rótulo de originalidade à obra de Dom Bosco, é possível encontrarmos pistas para o entendimento dos alicerces da experiência de educador quando transcendemos tal tradição. Assim, minha intenção agora será mostrar que, se o ‘Oratório primitivo de Valdocco’ já não se constituía uma novidade contemporânea, pode-se relacioná-los às experiências bem-sucedidas nos séculos XV e XVI tanto a iniciativas laicas quanto religiosas, as quais, se não tem aparelho reconhecido da experiência de Dom Bosco [...] tem a legitimidade histórica em favor da Educação e da promoção da juventude”. Pode-se perceber que João Bosco sofreu forte influência do italiano Vitorino da Feltré, um leigo que viveu na cidade de Pádua (Itália) no período do século XV e que fundou a Casa Gíocosa (mansão da alegria), que era uma casa em que se ensinava a formação moral e intelectual para os jovens mais carentes dessa época, utilizando jogos para atrair os seus destinatários (BORGES, 2006).

19 “Em 1823, a marquesa Barolo (a francesa Juliette Colbert de Maulévrier – 1786 a 1864) fundava no bairro Dora a Obra Pia do Refúgio, ou Casa de Acolhida, para mulheres caídas, ‘perigosas’ na gíria, assim chamada porque posta sob o patrocínio da ‘Maria SS. Refugium peccatorum’” (BRAIDO, 2008, p. 173).

20 “O teólogo Giovanni Battista Borel, até 1841, ‘capelão régio’, também diretor espiritual nas Escolas de São Francisco de Paula, de 1828 a 1843, era homem de absoluta confiança da marquesa Barolo e sacerdote de grande prestígio e autoridade junto às autoridades eclesásticas e civis turinenses” (BRAIDO, 2008, p. 198).

21 Graças a substanciais colaborações do padre Cafasso (BRAIDO, 2008).

22 “O contrato, além de fixar a duração do curso e progressivo aumento do salário, estabelecia também que o jovem aprendiz só poderia ser empregado em trabalho de seu ofício, nunca superior às suas forças físicas; os domingos e festas seriam dias de repouso e cada ano o jovem teria 15 dias de férias” (AMARAL, 2013, s/p).

Referências

AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus contra os pagãos**. Parte II. 4. ed. Tradução de Oscar Paes Lemes. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001.

AGOSTINHO, Santo. **A Cidade de Deus**. 7. ed. Parte I. Tradução de Oscar Paes Lemes. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

AMARAL, Edvaldo. Dom Bosco e os tempos. **Boletim Salesiano**, 24 nov. 2013. Disponível em: <https://www.boletimsalesiano.org.br/materias/acao-social/item/10860-dom-bosco-e-os-tempos.html>. Acesso em: 15 jan. 2020.

BOSCO, Dom João. **Memórias do Oratório de São Francisco de Sales**. São Paulo: Editora Salesiana, 2005.

BOSCO, Terésio. **Dom Bosco**. Tradução de Hilário Passero. 6. ed. São Paulo: Editora Salesiana, 2007.

BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. “Casa Giocosa”, “Oratório São Girolamo”, “Oratório São Francisco de Sales”: experiência que se refazem e se aprimoram. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: PERCURSOS E DESAFIOS DA PESQUISA E DO ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2006, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia/MG: UFU, 2006. Disponível em: <https://docplayer.com.br/7132418-Casa-giocosa-oratorio-sao-girolamo-oratorio-sao-francisco-de-sales-experiencias-que-se-refazem-e-se-aprimoram-resumo.html>. Acesso em: 15 jan. 2020.

BRAIDO, Pietro. **Dom Bosco - padre dos jovens no século da liberdade**. v. 1. São Paulo: Salesiana, 2008.

CERIA, Eugenio. **Memorie biografiche del Beato Giovanni Bosco** – v. 13. Turim: S. Benigno Canavese, 1932.

CORREIA, Maldonado. O Congresso de Viena - fórum da diplomacia conservadora no refazer da carta europeia. **IDN - Revista Nação e Defesa**, ano 19, n. 69, p. 39-65, 1994. Disponível em: http://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/1709/1/NeD69_MaldonadoCorreia.pdf. Acesso em: 15 jan. 2020.

DESRAMAUT, Francis. **Vida do Padre Miguel Rua**: primeiro sucessor de Dom Bosco (1837-1910). São Paulo: Editora Salesiana, 2010.

DIAS, Edmundo Fernandes. **Gramsci em Turim**: a construção do conceito de hegemonia. São Paulo: Xamã, 2000.

HOBSBAWM, Eric. **A era do capital: 1848-1875**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HOBSBAWM, Eric J. **Mundos do trabalho**. Novos estudos sobre história operária. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HOBSBAWM, Eric. **A era das revoluções: 1789-1848**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

LANDIM, Pe. Glauco Félix Teixeira. Um saltimbanco de Deus. **Salesianos**, s/d. Disponível em: <https://www.salesianos.com.br/um-saltimbanco-de-deus/>. Acesso em: 15 jan. 2020.

LENTI, Arthur. **Dom Bosco: história e carisma origem: dos Becchi a Valdocco (1815-1849)**. Brasília: EDB, 2012.

LIBERALISMO. In: FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO. s/d. Disponível em: https://www.fau.usp.br/docentes/deprojeto/c_deak/CD/4verb/liberal/index.html. Acesso em: 15 jan. 2020.

SALESIANOS DOM BOSCO. **José Cafasso**. s/d. Disponível em: https://www.sdb.org/pt/Santidade_Salesiana/Santos/Jos%C3%A9_Cafasso. Acesso em: 15 jan. 2020.

SILVA, Elcio Arestides de Mattos. **Uma península, dois homens, duas épocas e algumas ideias em comum: um cotejo a partir da perspectiva social de João Bosco e Antonio Gramsci**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unisal, Americana, 2014.

VICHESSI, Beatriz. Qual a diferença entre língua, idioma e dialeto? **Nova Escola**, 7 mar. 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/230/qual-diferenca-lingua-idioma-dialeto>. Acesso em: 12 jan. 2020.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2007.